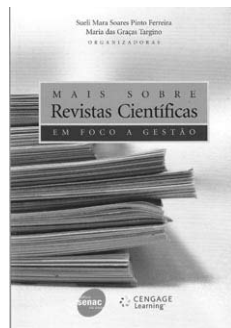


A comunicação da ciência em revista

Irene Machado*



FERREIRA, Sueli Mara Soares; TARGINO, Maria das Graças. **Mais sobre revistas científicas.** Em foco a gestão. São Paulo: SENAC/Cengage Learning, 2008. 221p.

A avaliação da produção científica não é apenas uma questão de método, pelo menos se se considerar que os índices aferidores do impacto e o vigor da produção convivem com um limite: o acesso às publicações. Tal proposição pode parecer despropositada numa época em que se festeja a acessibilidade. Acompanhem, pois, o raciocínio com mais vagar. Se, por um lado, os indicadores quantificam a produção pela avaliação das citações e pelo período em que as mesmas citações continuam sendo realizadas – o recente fator h^1 –, por outro é preciso considerar que as restrições de acesso às publicações não deixam de comprometer a robustez dos números. O livro *Mais sobre revistas científicas* examina pontos valiosos para esta discussão ao situar a problemática do acesso, bem como as alternativas eletrônicas em

* Professora da Escola de Comunicações e Artes da USP. Criou projetos editoriais de Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura (PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, ISSN), da qual foi editora científica de 2001 a 2004), e de MATRIZES, Revista do PPG em Ciências da Comunicação da USP, da qual foi editora científica de 2007 a 2008. São Paulo, SP.

¹ Índice proposto pelo físico Jorge Hirsch da Universidade da Califórnia, San Diego, para avaliar a carreira do pesquisador. Segundo o fator h a atividade do pesquisador passa a ser definida em função do número de artigos e suas citações num determinado período.

fase de implementação, como prerrogativas para garantir a legitimidade do grau de impacto de uma publicação no vasto campo da comunidade acadêmica. Em boa hora coloca em revista a própria gestão da publicação acadêmica.

A construção de metalinguagens destinadas à avaliação da produção científica, sem sombras de dúvidas, entrou para a ordem do dia nos laboratórios das revistas acadêmicas. A ciencimetria se desenvolve para pensar a variedade de aspectos implicados na quantificação como uma instância avaliadora mais ampla que a avaliação bibliométrica². Em ambos os casos o objetivo é a aferição da atualidade, da pertinência, da qualidade de pesquisas e de pesquisadores com projeção no cenário acadêmico.

Diríamos que a problemática do acesso é pressuposto inalienável de todo o debate promovido no livro. Por conseguinte, a metalinguagem científica, construída a partir da análise dos processos de gestão, constitui um capítulo promissor para o conjunto das ciências da informação. Assim interpretamos a contribuição registrada ao longo de duas centenas de páginas, oito artigos de nove pesquisadores que não medem esforços para pensar não apenas o papel das revistas científicas na vida acadêmica. Trata-se, antes, de conceber a revista científica como um ator fundamental do processo de produção científica (ator no sentido de condutor). Nesse caso, os artigos reunidos na coletânea exploram a possibilidade de se pensar a quantificação da informação científica em sua relação orgânica com as formas de acesso, oferecendo o processo de gestão da revista como caminho para a compreensão das metalinguagens científicas como organização dialógica de informação e comunicação.

Já no artigo que abre o volume (p.17-39), as pesquisadoras introduzem o conceito de gestão para o qual se mira: trata-se de considerar a própria gestação do texto científico na nascente do processo operativo, afinal, como se esclarece em outro momento, a ciência não se sustenta sem a comunicação da descoberta. Há um deslocamento epistemológico que não pode passar despercebido: a publicação da

² Ciencimetria ramo da sociologia da ciência destinado ao estudo dos aspectos quantitativos da publicação da ciência que contribui não apenas para a formação de lideranças como também para ulteriores definição das políticas científicas. Já a bibliometria, igualmente voltada para a aferição de aspectos quantitativos da produção, disseminação e uso da informação publicada, se encarrega de desenvolver padrões e modelos matemáticos da medição.

ciência não se limita à apresentação de resultados. Informação e comunicação implicam-se mutuamente na radiografia dos estágios essenciais do processo de gestão. Por isso, preservar e aprimorar a textualidade do artigo a partir de uma redação de qualidade insuspeitável é o ponto de partida da indicialização da qualidade e esta é a forma elementar do que se entende por acesso em sentido lato. Logo, não pode ficar à margem de nenhuma aferição. Redação do artigo, edição do texto, editoração eletrônica, impressão e distribuição representam, sim, as etapas consagradas da gestão de uma revista científica, porém, não só: são estágios da gestação do processo. O livro dedica um capítulo minucioso a cada uma delas bem como à verticalidade da produção em cada um dos estágios. Vejamos.

Aquilo que genericamente se considera a produção do artigo científico, cumpre um longo trajeto que vai da apresentação até a citação pela comunidade em outros artigos. Observa-se que a transformação da pesquisa em texto comunicacional (*paper*, artigo, ensaio) é o que define a informação – objeto da avaliação e da quantificação. Nesse sentido, a citação não esconde seu caráter metalingüístico, necessário para a escalada de reconhecimento, de prestígio, da excelência da pesquisa e do pesquisador. É digno de nota, que seu potencial dialógico não se limita à esfera intelectual; torna-se a qualidade diferencial responsável pela configuração e os ajustes das políticas científicas de aplicação de recursos.

Posicionar devidamente a metalinguagem da informação em texto comunicacional é uma forma de introduzir outro aspecto do processo gestacional da revista: a qualidade da avaliação pelo *referee*. É na avaliação pelos pares que o destino do artigo é decidido. Conhecer o papel do editor e do *peer review* é tarefa do segundo artigo da coletânea (p.41-72). Na verdade, trata-se de uma ação triangulada pela atividade do editor, texto e os *referees* (nesse momento não se trabalha com a figura do autor uma vez que a arbitragem se orienta pelo sistema de *blind review*). Como se pode ler em outro artigo do livro (p.97-110), o processo decisório que resulta desta triangulação não encaminha apenas o destino do artigo, mas envolve questões éticas não menos decisivas da produção científica competente pautada pelo rigor de proposições.

O texto é a matéria viva do trabalho científico (do cientista, dos editores, dos *referees*). Contudo, é também matéria-prima da produção que só se completa com financiamentos. Este é o assunto

para o capítulo subsequente (p.41-72). A etapa da produção material, tradicionalmente, é que torna a revista um produto concreto, garantindo a periodicidade – critério sem a qual nenhuma revista pode ser porta-voz legítimo das últimas conquistas do conhecimento a serem aferidas pelos indicadores. A periodicidade alavanca, pois, a base do impacto. Papel tão importante, a periodicidade não se garante sem uma otimização do financiamento, sobretudo porque a produção material não depende da boa vontade do editor nem dos *referees*, mas necessita dos profissionais de gráfica e editoração.

Este é o centro nervoso do sistema produtivo material que passa por radicais transformações há bem mais de uma década, quando as publicações digitais surgem graças ao desenvolvimento dos arquivos abertos, disseminando *softwares* livres que se apresentam como alternativa que ataca o duplo alvo: da produção material e do acesso teoricamente ilimitado. Os *softwares* de gestão da publicação eletrônica não modificam os estágios da gestão, mas a desloca de um ambiente industrial para um ambiente informático. Porque é um outro ambiente, a publicação eletrônica gerada pelos *softwares* não se limita à versão eletrônica, aliás, não se confunde em hipótese alguma com a disponibilização de conteúdos que vigoram em *websites*.

Segundo Sueli Mara Ferreira, o protocolo *Open Archives Initiative* (OAI, <http://openarchives.org>) define o caráter eletrônico de uma publicação ao permitir “mecanismos de recuperação contextualizada do conteúdo” (p.88), dispondo de “padrões de organização, de gerenciamento e de publicação de conteúdos digitais em regime de acesso aberto (metadados normalizados)”, isso sem falar da preservação de conteúdos e de direitos autorais, integração com outros serviços, podendo até “oferecer cruzamento de citações para estudos bibliométricos e indexação do conteúdo em bases de dados” (p.89). A gestão eletrônica da publicação não pode, portanto, ser comparada com uma mera disponibilização em *site* convencional de página *HTML* ou arquivo *PDF*. A ferramenta que permite a gestão de todas as etapas da produção – submissão, avaliação, editoração, design gráfico, geração dos conteúdos e de exemplares, publicação, acesso, aferição de impacto, interação com bases de dados, circulação – pelo sistema digital é que qualifica a revista como publicação eletrônica. Com relação específica à avaliação pelos pares, são apresentados dois sistemas de gestão

web based peer review: Open Journal Systems (OJS) e Xpress Track (p. 90). Não se trata apenas da eliminação do papel, da gráfica, da distribuição, das assinaturas: trata-se de uma sistemática de produção organizada pelo meio digital em todas as etapas de produção – o processo de gestão em sua totalidade. A metodologia foi radicalmente transformada.

Ainda que a gestão eletrônica seja pauta do financiamento, uma vez que toca diretamente na alocação de recursos, não se deixa de lado a dimensão ética da produção, sobretudo, quando o fim último da publicação é apresentação da pesquisa à comunidade e a aferição de seu impacto. A liberdade de acesso, visto pelo ponto de vista da ética, implica responsabilidade editorial (do *peer review* e do editor) na busca pela boa qualidade no processo de comunicação que vai desde a qualidade textual da redação (explorada no capítulo 2) até a originalidade da descoberta, decisiva para a aprovação ou reprovação do artigo. Segundo Sebastião R.G. Moreira, o eixo do pensamento ético pauta pela noção de que a “a comunicação da ciência é tão vital quanto sua produção, o que justifica a assertiva de que o conhecimento produzido não comunicado não é, em sua essência, ciência. Fazer pesquisa consiste numa etapa. Consolidar a sua publicação foi e continua sendo o passo seguinte e recurso mor para socializar os conhecimentos recém-gerados” (p.99-100). E essa decisão compete aos *referees* e editores responsáveis pela certificação da qualidade da pesquisa em todas as etapas de sua produção. O eixo de toda a ação ética, nesse caso, é a transparência dos critérios que orientam todas as tomadas de decisão.

Diríamos que os artigos que compõem a Parte I (Como desenvolver e viabilizar a revista científica) pautam pelo enfrentamento de questões conceituais, algumas das quais foram alvo da abordagem desta resenha. Há que se considerar que as discussões não se furtam da análise e exemplificação, fazendo jus ao título da seção. Já na Parte II (Como gerenciar o conteúdo científico diante dos desafios do mundo digital) trata-se de um outro enfrentamento: a análise de modelos, processos, estratégias ante desafios emergenciais. Aqui a problemática do acesso é analisada sob outro ponto de vista.

As conquistas do mundo digital sem dúvida alguma representam uma alternativa promissora para a garantia do acesso, da visibili-

dade e aprimoramento do processo de avaliação, como se pode ler no artigo de Sueli Ferreira (p.111-137). Ocorrências significativas de superação de falhas, precariedades e até de subjetivizações e estratégias de gestão têm sido experimentadas com a utilização de *softwares* livres como aqueles sistemas criadores dos “repositórios eletrônicos”. Segundo Ferreira, o sistema ArXiv (<http://arxiv.org>) foi lançado pela comunidade de físicos em agosto de 1991 “para armazenamento, recuperação e disseminação de documentos eletrônicos. (...) Nele, os pesquisadores da área, localizados em qualquer parte do mundo, depositavam seus trabalhos concomitantemente a submissão às editoras para publicação nas revistas científicas. Tais depósitos eram (e ainda são) feitos via interface web ou por meio de e-mails e divulgados, diariamente, aos pesquisadores cadastrados, os quais podem solicitar cópia do texto completo, caso lhes interesse” (p.115). Surgem, assim, estratégias para o desenvolvimento dos arquivos abertos para disseminação das publicações científicas sob forma de pré-*print* que torna todos os leitores membros do *peer review* da revista. Além disso, a própria cessão de direitos autorais passa a ser alvo de discussões pontuais.

Evidentemente há muitas implicações e desdobramentos alimentando as práticas dos cientistas da informação e do campo da cienciometria. Se, inicialmente afirmávamos que as metalínguas científicas são assunto emergente no contexto generalizado das comunidades científicas, agora podemos completar que o discurso meta, que surge para avaliar e aferir impactos, acabou colocando em cheque a própria gestão das publicações científicas. Estamos longe do conceito de revista científica como lugar privilegiado da publicação de resultados. O imperativo é a criação de ambientes capazes de tornar a informação disponível sob forma de texto, seja para a leitura avaliadora dos editores, dos referees ou dos membros da comunidade. Todos atuam na mesma esfera, sem ferir as particularidades dos objetivos em jogo, como, por exemplo, a necessidade de manter sigilosa os pareceres do *peer review* editorial. O que se pode afirmar é que as formulações dos cientistas da informação nos levam a avistar um território à espera de exploração.